

Symbolon IV

# MEDO E ESPERANÇA

Em...

Ésquilo

Tucídides

Plutarco

Séneca

Santo Agostinho

Carlos de la Rica

editado por

BELMIRO FERNANDES PEREIRA

ANA FERREIRA

PORTO 2014

## FICHA TÉCNICA

TÍTULO: SYMBOLON IV – MEDO E ESPERANÇA

ORGANIZAÇÃO: BELMIRO FERNANDES PEREIRA E ANA FERREIRA

EDIÇÃO: FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

ANO DE EDIÇÃO: 2014

COLECÇÃO: FLUP e-DITA

EXECUÇÃO GRÁFICA: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda.

TIRAGEM: 150 exemplares

DEPÓSITO LEGAL: 311011/10

ISSN: 1646-1525

ISBN: 978-989-8648-37-2

## Medo e Esperança em Ésquilo: o caso de *Os Persas*

As palavras, fértil solo para a inteligibilidade do real e para a expressão dos afectos, têm a sua história. As vicissitudes semânticas que as acompanham testemunham de um modo eloquente e expressivo as mudanças no pensamento e as alterações no sofrido pulsar do coração humano. No recorte cognitivo que desenha, a “esperança” arrasta um sentimento denso e profundo, próprio de quem sente a vida – o seu sentido e o seu alcance – nessa esperança implicada. Importa, pois, antes de mais, esclarecer esse conceito, sobretudo quando a longa tradição cristã, que de um modo ou de outro nos teceu e nos tece, longamente se demorou no esclarecimento e no uso do termo.

Erguida a partir da herança cristã, a esperança designa não tanto um desiderato contingente no indomável futuro colocado, como uma expectativa seguramente lançada, tal âncora firmada numa promessa ou numa certeza de que se não duvida. Mais concretamente, a “esperança” cristã, virtude teologal indissociável da fé, funda-se na aceitação da revelação do plano de Deus para os homens, cujo momento central é a encarnação, a morte e a ressurreição de Cristo, luz primeira da História da Salvação. Neste contexto, a esperança possui uma dimensão temporal, histórica e escatológica que integra a certeza das promessas por Deus já reveladas, aqui e agora.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> É curioso verificar que não se encontra o termo esperança nos Evangelhos que são, antes de mais, mensagem de fé. Foi o adiamento da expectativa

A esperança é, assim, o espessamento temporal da vivida certeza da fé, certeza do chamamento de Deus, da vitória sobre a morte, da vida eterna. Entendida desta forma, e consistindo o desespero na negação ou no afastamento do plano salvífico de Deus, a esperança expressa-se e prolonga-se numa serena confiança e numa tranquila paciência que os terrenos medos não podem fazer ruir. É neste sentido que S. Paulo afirma que a esperança não engana.<sup>2</sup>

O mundo grego clássico, obviamente, não pensa de acordo com estas categorias. Estranhos à ideia de Verdade revelada, distantes de uma visão profético-escatológica da história, entendida como lugar próprio da teofania, os antigos gregos entendiam a esperança como uma das respostas possíveis à incerteza da mudança, e ao jogo dos acasos, das dependências e das contingências. Ignorado o plano salvífico de Deus revelado na História, porque não pensado e porque *fora* do pensamento, a “esperança” muda-se de confiante espera em sobressaltado desejo no agitado e incerto devir das coisas. Voz de anseios, cadinho de sonhos, murmúrio de indecisas possibilidades, a esperança, presa e restringida ao reino das coisas humanas, é uma modelação de futuros desiderativos, coroando a fragilidade do homem e a insuficiência e finitude do seu gesto. Neste contexto, com razão se afirmará, como de resto se supõe e ecoa na designação genérica deste colóquio, que a morada próxima da esperança é o medo – não a paciente confiança –, pois o medo insinua-se e ergue-se no seio da sempre débil esperança. Esta conexão radical entre a esperança e o medo torna-se claramente perceptível a partir do próprio entendimento do que é o medo, φόβος. Socorramo-nos das palavras de Aristóteles:

---

da Parusia – da segunda vinda de Jesus – que forneceu o enquadramento histórico e teológico do desenvolvimento da noção de esperança. O descrédito da esperança, que se fundava na certeza de um Reino de Deus que já está presente, mas que ainda está para vir na sua plenitude, acompanhada da notícia da “morte de Deus”, atravessa todo o século XX. A peça de Samuel Beckett, *En attendant Godot*, é exemplo privilegiado desta dissolução e esvaziamento da esperança. Para uma apreensão genérica do sentido da fé no cristianismo ver Harent (1924: *s.u.* *Ésperance*, col. 605-676); Jacquemet (1956: *s.u.* *Ésperance*, col. 445-459); Wetzler (1871: *s.u.* *Vertus Théologiques*).

<sup>2</sup> Cf. *Epístola aos Romanos* 5, 5-6: “*spes autem non confundit, quia caritas Dei diffusa est in cordibus nostris per Spiritum sanctum, qui datus est nobis.*”

“Ἐστω δὴ φόβος λύπη τις ἢ παραχρῆ ἐκ φαντασίας μέλλοντος κακοῦ φαρτικοῦ ἢ λυπηροῦ. οὐ γὰρ πάντα τὰ κακὰ φοβοῦνται, οἷον εἰ ἔσται ἄδικος ἢ βραδύς, ἀλλ’ ὅσα λύπας μέγαλας ἢ φθοράς δύνανται, καὶ ταῦτα ἐὰν μὴ πόρρω ἀλλὰ σύνεγγυς φαίνεται ὥστε μέλλειν.”<sup>3</sup>

O surgimento do medo resulta, pois, de uma percepção, isto é, de um juízo de acordo com o qual um mal próximo que nos pode acontecer, ameaça séria, real e terrível contra a qual não há nem prevenção, nem fuga segura. Perante a possibilidade de desgraça próxima, a nossa atitude é sobretudo sofredora, passiva, impotentes espectadores de um teatro que nos tem por vítimas. Se o sofrimento que no horizonte se insinua fosse coisa trivial ou muito distante, ou se contra ele pudéssemos impor a nossa força e o nosso engenho, então, não haveria lugar para quaisquer receios e o medo esfumar-se-ia como logro infantil. A superação do medo e a dissolução de qualquer tragédia possível, perceptíveis na serena expectativa de Sócrates escutando a sentença do tribunal e aguardando a morte, é, no fundo, a herança da sagesa platónica, firme na Ideia de Bem, e no não-ser do mal e da tragédia, simples comprazimento de estultos e ignorantes. Se, porém, reconhecendo a nossa vulnerabilidade e o alcance estreito da nossa acção, admitimos que um mal, independentemente dos nossos méritos, pode cair sobre qualquer um dos mortais, ao mesmo tempo que alimentamos uma mais ou menos débil esperança de a ele escaparmos, então o medo e esperança apresentam-se como emoções adequadas à nossa humana condição de seres às mãos de forças que nos submetem e que sobre nós imperam, seres atirados para um sempre surpreendente turbilhão de alegrias e de dores, de luz e de sombra.<sup>4</sup> Saliento o carácter indomável e

<sup>3</sup> Cf. *Retórica* 1382a 21-25: “Admitamos que o medo seja uma dor ou uma desordem consecutiva à imaginação de um mal que está prestes a acontecer e que causa destruição ou dor; é que não se temem todos os males, por exemplo, ser injusto ou indolente, mas aqueles que podem trazer grandes dores ou ruína, e se estes se mostrarem não distantes mas próximos, de tal modo que estão perto de acontecer.”

<sup>4</sup> Não é uma divergência quanto ao conteúdo da noção de virtude, mas a diferente atitude perante a possibilidade de “algo correr mal”, apesar do comportamento virtuoso, que distingue Aristóteles de Platão e, posteriormente, dos estóicos. Para estes, a tragédia será sempre uma destrutiva “ilusão” derivada da ignorância e da culpa. Para Aristóteles, porém, e com isto alguns consideram que o Estagirita salvou a tragédia das críticas platónicas, a tragédia pode sempre surgir na vulnerabilidade da condição humana, ainda que virtuoso seja o

imerecido do sofrimento possível, relativamente ao qual não há nem moralidade preventiva, nem outra forma de segura profilaxia. Esperança e medo radicam, pois, no horizonte entreaberto da felicidade ou da plenitude desejada, visão de um exilado assente nas volúveis e inconstantes águas da Fortuna.

Numa fórmula genérica, embora incapaz de apreender na sua complexa globalidade mas ainda assim tocando um dos seus aspectos centrais, podemos dizer que a tragédia representa acções que, de um modo ou de outro, implicam uma ruptura na harmoniosa ordem do universo, particularmente nas dimensões ético-política e religiosa. Por um crime de ὕβρις, de uma *insolência* pela qual se terá de expiar a culpa, por uma ἀμαρτία, um equívoco nascido na ignorância ou na parcialidade do conhecimento, pela mão poderosa da ἀνάγκη, da necessidade, que nos prende nas malhas de insuperáveis conflitos, por estes ou por outros caminhos o universo trágico expõe uma inquietante brecha, uma ferida aberta no correr da vida por onde a alegria, a harmonia e a paz se esvaem – ou podem esvaír – e por onde os sofrimentos, as desgraças e os males se espalham – ou podem espalhar. Subjacente às acções representadas, está sempre um desenho da situação do homem, confrontado com as forças e os poderes que o dominam, procurando, na sua especificidade de mortal, distinto dos animais<sup>5</sup>, encontrar o seu lugar próprio na terra, e orientar adequadamente as suas acções. Dos três tragediógrafos, é Ésquilo o que mais alargadamente forja o aspecto cósmico do δράμα, da acção. Confrontado com o destino, moldado na vida pelos desejos dos deuses, enganado sopro às mãos dos *daimones*, o homem procura, *tragicamente*, a terra onde assentar a sua habitação. Sempre em risco, sempre ameaçado, sempre vulnerável, o seu rosto é o da esperança e o do medo, na cíclica repetição análoga das suas alegrias e das suas desgraças. A esperança e o medo não constituem o nervo central do modo trágico do homem habitar a terra – este consiste na

---

homem sobre quem ela se abate. Sobre este assunto ver Halliwell (1984: 49-71); Nussbaum (1986; 1987: 129-177; 1992: 107-159).

<sup>5</sup> O lugar do homem, ser mortal, é entre os deuses, imortais, e as feras selvagens, mortais como ele, mas selvagens. O sacrifício, de cunho *político*, continuamente o repete: aos deuses, que apenas se alimentam de néctar e de ambrósia, oferecem-se as gorduras e algumas entranhas, cujo odor sobe aos céus em sinal de culto; para os homens a carne do animal sacrificado, mas passada pelo fogo, isto é, *cozinhada*, distinguindo-se assim dos animais, que praticam a alelofagia.

radical finitude por múltiplos modos expressa –, antes resultam da declinação do possível a que a eventualidade da morte, a incerteza e a insegurança se abrem. Lampejando no tempestuoso mar do sofrimento humano, como precário abrigo entrevisto, a esperança, sempre abraçada a um temível tremor, expressa a possibilidade, embora ténue, da isenção ou do alívio, ainda que temporário, dos sofrimentos e dos males.

Um dos textos literários que melhor revela a natureza da esperança e do medo, não tanto para a descrição do surgimento da esperança e do medo, mas para a ilustração do significado de ambos na existência dos homens, encontra-se em *Prometeu Agrilhado*. Preso com cadeias de aço às rochas escarpadas do Cáucaso, Prometeu, depois de confessar a piedade sentida pelos mortais, deve ainda responder ao coro das Oceânides que o interrogam sobre a natureza do crime que mereceu tal violência de Zeus. O Corifeu pergunta:<sup>6</sup>

Xo. Μή πού τι προύβης τῶνδε καί περαιτέρω;  
Πρ. Θνητούς γ' ἔπαυσα μὴ προδέρκεσθαι μόρον.  
Xo. Τὸ ποῖον εὐράν τῆσδε φάρμακον νόσου;  
Πρ. Τυφλάς ἐν αὐτοῖς ἐλπίδας κατάρκισα.  
Xo. Μέγ' ὠφέλημα τοῦτο ἔδωρήσω βροτοῖς.

Corifeu – Acaso não foste ainda mais além do que contaste?  
Prometeu – Sim, fiz com que os homens deixassem de olhar a morte de frente.  
Corifeu – Que remédio encontraste para esse mal?  
Prometeu – Enraizei neles cegas esperanças.  
Corifeu – Grande vantagem deste aos mortais.

De acordo com estes versos, a esperança é dada aos mortais como um grande bem que lhes permitirá desviar o olhar da morte, esquecendo-a e libertando-se da sua presença obsessiva. Não deixa, porém, o homem de morrer, e por isso uma penosa ambiguidade borda e limita uma desconsolada esperança de asa cortada. A morte, esse negro muro que constantemente ronda e nos cerca, vale como estandarte de todas as limitações, sendo delas a expressão mais decisiva e aguda. Contra ela, incontornável e inflexível, ergue-se um fantasmagórico véu de logros e embustes, fios de *cegas* esperanças

<sup>6</sup> Cf. West (1992: 246-250).

que nos sustêm, aliviando o nosso olhar distraído. Paradoxalmente, a esperança é o jogo do consciente adormecimento da consciência lúcida, desconsolado sorriso recortado em sombra. Do medo não fala o texto e, contudo, um medo tremente e mudo acompanha os versos, pois é o medo que demarca a linha do desastre possível que procuramos, meio adormecidos, evitar. A qualquer momento pode o canto ser interrompido.<sup>7</sup> É, pois, neste contexto, próximo da amarga sabedoria do velho Sileno, que medo e esperança demarcam o seu território.

### Medo e Esperança em *Os Persas*.

Ainda que não constituam o núcleo central mediante o qual a tragédia se revela, medo e esperança podem desempenhar um papel relevante na construção emotiva e *patética* da acção trágica pelo modo como intensificam as emoções e auxiliam a revelar a frágil condição dos humanos, o seu abandono às mãos de poderes que sobre eles dominam. O caso de *Os Persas* constitui um excelente exemplo. A acção que anima a mais estática de todas as tragédias gregas centra-se numa espera e numa esperança, numa longa espera da rainha Atossa e dos Fiéis do Reino que, no palácio de Susa, bem longe das terras helénicas, onde a sorte do império persa se decide, esperam pela notícia da sorte da batalha que opõe Gregos e Persas. E é sobre esta expectativa, moldada numa espécie de *asma estética* pelo carácter inconclusivo e demorado do sopro que a anima, que a tragédia se ergue. O medo e a esperança atravessam *Os Persas*, não como tema fundamental da tragédia,<sup>8</sup> mas como voz emotiva e grave que, orientada com mestria dramática, acompanha a génese e a eclosão do trágico. Tal mestria, perceptível na intensificação do *pathos* ao longo do drama, apresenta-se logo nos primeiros versos. Depois de descrever, em cores nobres, magnânimas, heróicas, a

<sup>7</sup> É justamente para esta ideia que aponta o conhecido provérbio grego de acordo com o qual ninguém pode dizer que é feliz antes de morrer.

<sup>8</sup> Para a identificação do âmago trágico de *Os Persas*, ver Serra (2006: 365-394).

partida do exército persa para a Grécia,<sup>9</sup> a grandeza confiante do relato é interrompida pela confissão de um inquietante sobressalto:

Χο. ἀμφὶ δὲ νόστῳ τῷ βασιλείῳ  
καὶ πολυχρύσου στρατιάς ἤδη  
κακόμαντις ἄγαν ὀρσολοπεῖται  
θυμὸς ἔσωθεν – πᾶσα γὰρ ἰσχὺς  
Ἀσιατογενῆς ὄχλωσε (...)

Corifeu – Sobre o regresso do rei e do seu exército de muitos homens, o meu coração, profeta de desgraças, aperta-se no meu peito; toda a força nascida na Ásia partiu (...)<sup>10</sup>

Este angustiado, apertado sobressalto assinala uma fissura na fundada confiança do coro, na expectativa dos Fiéis do Reino. Esta confiança funda-se no número e na força do exército persa, multidão de poderosos guerreiros, visão aterradora para qualquer inimigo. Não é por insensatez nem por desmesurada jactância que o coro, dando voz ao poder persa, afirma:<sup>11</sup>

Χο. δόκιμος δ' οὔτις ὑποστᾶς  
μεγάλῳ ρεύματι φωτῶν  
ὄχυροῖς ἔρκεσιν εἴργειν  
ἄμαχον κῦμα θαλάσσης  
ἀπρόσοιστος γὰρ ὁ Περσῶν  
στρατὸς ἀλκίφων τε λαός.

Corifeu. Ninguém, opondo-se, é capaz de conter com fortes diques a grande corrente de homens; invencível é a onda do mar. Irresistível é o exército persa e o seu povo de bravo coração.

Tanto quanto as expectativas humanas podem calcular, a força aterrorizadora dos guerreiros persas, constituída por homens que

---

<sup>9</sup> “Corifeu – Diante de vós estão aqueles a quem chamam os Fiéis. Toda a nobreza persa partiu para a terra da Hélade, enquanto nós ficámos para guardar o palácio real, rico de opulência e de ouro” vv. 1-4.

<sup>10</sup> Cf. vv. 8-12.

<sup>11</sup> Cf. vv. 87-92.

só de olhar fazem tremer, é poderosíssima e invencível.<sup>12</sup> Este é o resultado de uma expectativa fundada na análise das circunstâncias, sob o cálculo prudente de uma limitada razão humana. Mas – e esta adversativa é a semente da tragédia – mas... e se a invasão da Hélade, se a sedução do mar que os chama para a Europa for o resultado de um engano de um deus, de um deus que os quer perder,<sup>13</sup> a eles, Persas dominadores, a quem um antigo destino assegurava a vitória enquanto permanecessem em solo da Ásia?<sup>14</sup> Que pode um mortal quando os deuses, o destino, a necessidade ou a Ate decidem perdê-lo? O espasmo emotivo de temor e esperança que acompanha a presença do coro e da rainha não determina nem desencadeia a acção, mas faz vibrar a questão que está no âmago da tragédia, a saber, a consciência de que a imensa força do exército persa pode sair derrotada, se contra ela se opuser um deus, uma vez que toda a força dos mortais é força facilmente quebrável em distraído olhar dos deuses. É partindo da constatação de que o homem pouco ou nada é perante as instâncias que o dominam, o constroem e o manipulam que o medo e a fraca esperança se erguem como presenças *apropriadas* no horizonte dos homens. Presságios e sonhos – como o da rainha Atossa<sup>15</sup> – são o temor e tremor constitutivos da humana debilidade, da mortal insegurança. É aqui, na radical consciência de que, afinal, nada podemos contra ventos superiores, de que estamos à mercê de forças que não dominamos, que medo e esperança encontram o terreno onde se enraízam. Porque nenhum gesto é seguro, porque a sorte dos jovens guerreiros da nobreza persa, “que a terra da Ásia alimentou”, é desenhada no tear do consentimento dos deuses e do destino é que o medo dilacera o coração de Atossa e dos anciãos que a rodeiam. Pela incerteza última de todas as empresas, pela possível vacuidade dos seus propósitos sentem os Persas um medo invadir-lhes o coração e dilacerar-lhes

---

<sup>12</sup> O párodo, particularmente vv. 1-33, acentua decisivamente a ideia do número e do aspecto terrível dos guerreiros persas, elementos que intensificam a ideia de poder daquele exército.

<sup>13</sup> Cf. vv 93-96: “Co. Ao pérfido logro de um deus que mortal pode fugir? Quem, com pé ágil, pode libertar-se num salto feliz?”

<sup>14</sup> Cf. vv. 102-107: “CO. Prevalencia um antigo destino vindo dos deuses que impunha aos persas ocuparem-se das batalhas que destroem as muralhas, do tumulto das cargas da cavalaria e da destruição das cidades.”

<sup>15</sup> Ver vv. 176-214.

o peito, ou porque o tempo se alonga e as demoradas notícias não chegam,<sup>16</sup> ou porque o Grande Rei permanece ausente, ou porque a Ásia, esvaziada,<sup>17</sup> privada do braço viril que a defendia, se pode tornar presa fácil de cobiçosos olhares, ou ainda porque um antigo destino favorável impunha as fronteiras da Ásia para as conquistas dos Persas, ou, finalmente, porque nenhum homem pode fugir ao malicioso engano de um deus destruidor. Esculpidas no amargo sabor da experiência e revelando o perfil psicológico que a sorte e o acaso moldam, são claramente compreensíveis as palavras da rainha:<sup>18</sup>

ΒΑ. Φίλοι, κακῶν μὲν ὅστις ἔμπειρος κρυεῖ  
ἐπίσταται βροτοῖσιν ὡς ὅταν κλύδων  
κακῶν ἐπέλθῃ, πάντα δαιμαίνειν φιλεῖ.  
ὅταν δ' ὁ δαίμων εὐροῆ, πεποιθέναι  
τὸν αὐτὸν αἰεὶ δαίμον οὐριεῖν τύχης

“Rainha – Amigos, quem tem experiência de desgraças, sabe que, quando as ondas da desgraça se abatem sobre os mortais, estes tendem a atemorizar-se com tudo, e quando a divindade lhes é propícia, acreditam que o vento da sorte lhes será sempre favorável.”

O poder dos deuses, tão frequentemente afirmado<sup>19</sup>, no qual encontramos a causa primeira para a infelicidade dos homens

---

<sup>16</sup> Cf. vv. 60-64: “CO. E assim partiu a flor dos homens da terra da Pérsia, por quem toda a região da Ásia que os alimentou geme com uma saudade ardente, e os pais, e as mulheres, contando os dias, tremem pelo tempo que se alonga.”

<sup>17</sup> A ideia do esvaziamento da Ásia, privada da flor da juventude da nobreza persa, é um elemento decisivo na dimensão trágica do texto. Há um vínculo vital, por vezes envolto em traços eróticos, que une os Persas à Ásia e que a passagem do Helesponto destrói. Ver Serra (2002: 35-48); Harrison (2000).

<sup>18</sup> Cf. vv. 598-602.

<sup>19</sup> O poder dos deuses é continuamente afirmado. Ver, por exemplo, vv. 454-455: “Tão erradamente compreendeu o que estava a acontecer. Porque os deuses concederam aos Gregos a vitória no combate das naus (...)”. Ver ainda vv. 347, 373, 495-496, 904-905. A autonomia e a independência da acção humana é um dos temas centrais da tragédia grega. Nesta, dir-se-ia que o homem está ainda dependente do destino e dos deuses, mas procura demarcar um horizonte de acção que seja propriamente seu. Jean-Pierre Vernant (1982: 13-17) chamou ao contexto histórico desta meditação sobre a autonomia do agir humano o “momento histórico da tragédia grega”: Jean-Pierre Vernant, “Le moment historique de la tragédie en Grèce: quelques conditions sociales et psychologiques”.

(ὄμως δ' ἀνάγκη πημονὰς βροτοῖς φέρειν/ θεῶν διδόντων)<sup>20</sup> e, neste caso concreto, para a desgraça que tombou sobre os Persas (Co. ἕως ἄποτμον δαῖσις/δυσαιανῆ βόαν, /Πέρσαις ὡς πάντα παγκάκως/ <θεοὶ> θέσαν. αἰῆ στρατοῦ φθαρέντος.)<sup>21</sup> determina também o perfil de toda a esperança possível. Esta é a consoladora confiança de que, por favor dos deuses, pode o homem ir evitando a sombra negra das desgraças. Consoladora, mas ingénua e ilusória porque cedo ou tarde o homem nada poderá fazer contra o mal que lhe bate à porta. Tarde para os imprudentes anseios de conquista, mas a tempo, sempre a tempo para os Persas compreenderem como ruíram as suas débeis esperanças: <sup>22</sup>

BA. ὦ στυγνὲ δαῖμον, ὡς ἄρ' ἔψευσας φρενῶν Πέρσας

Rainha – Ah! *Daimon* terrível, como tu iludiste os pensamentos dos Persas.

Desta forma, medo e esperança entrecruzam-se no destino daqueles que, incapazes de cavalgar as circunstâncias da vida, se entendem como escravos de impérios maiores, atirados para o turbilhão dos acasos, que ora os poupa, ora os esmaga. Neste contexto, medo e esperança podem contribuir para o cenário de onde emerge a generosidade heróica, enquanto amor ao gesto nobre e longínquo, para além dos temores e das esperanças, mas não constituem fonte de sabedoria. É o *pathos* que transportam, esse temor atávico de poder vir a sofrer um mal maior do que o merecimento de qualquer falta cometida, e ainda esta ilusória esperança de poder evitá-lo, é isto que provoca o repúdio dos homens sábios e levará Platão a expulsar os tragediógrafos da cidade ideal.

---

Ver ainda Vernant (1982: pp. 19-40 = “Tensions and Ambiguities in Greek Tragedy”, in *Interpretation: Theory and Practice*, Baltimore, 1969, pp. 105-121).

<sup>20</sup> Cf. vv. 293-294. “Ainda assim, é preciso que os mortais suportem os males enviados pelos deuses.”

<sup>21</sup> Cf. vv. 280-283. “Solta um melancólico grito de infortúnio pelos infortunados Persas, porque os deuses decidiram tudo da pior maneira. Ai, ai, o nosso exército destruído.” O texto é, neste passo, de difícil leitura. Embora tenhamos seguido a citada edição de West, veja-se o extenso comentário de Garvie (2009). A ideia do infortúnio enviado pelos deuses é, porém, indiscutível.

<sup>22</sup> Cf. vv. 472-73. Ver também vv. 260-261.